

CRÍTICA DA CATEGORIA DE CONFLITO COMO INSTRUMENTO DE ANÁLISE SOCIOLÓGICA

FERNANDO BASTOS DE ÁVILA

A idéia de conflito, de luta, empolgou os grandes pensadores de um passado próximo e remoto. MARX fez dela a chave de sua interpretação dialética da História. Hoje, a sociologia dos países subdesenvolvidos, que recapitulam as condições locais observadas por MARX, procede a uma redescoberta da categoria de conflito. Erigida ao plano de uma teoria do subdesenvolvimento, parece ao autor dêste artigo esconder uma escamoteação metodológica. Erigida em inspiradora da ação social, parece-lhe prejudicada por uma irreparável obsolescência. O momento histórico não é mais o da antítese que superou uma tese para preparar uma síntese. É o momento da convergência que sucedeu à divergência para preparar a emergência da grande civilização solidária.

TEMOS a impressão de assistir a uma verdadeira invasão da Sociologia pela categoria do "conflito". Principalmente na Sociologia que se vem elaborando em países que se desenvolvem, como o Brasil, o conflito é requisitado como a chave para a descoberta de uma teoria sociológica afinal autêntica, isto é, emergindo das vivências típicas dos povos em desenvolvimento, e não importada, não inspirada em modelos que presidiram a elaboração de teorias de outras sociedades, em mais avançado estágio evolutivo. Se

o sociólogo é aquele no qual as vivências coletivas chegam à sua plena consciência e à sua perfeita conceitualização, esta consagração teórica do conflito parece indicar nêle a experiência profunda e determinante do subdesenvolvimento. Esta consagração já atinge tais proporções que o XVI Congresso Nacional de Sociologia organizado pelo Instituto de Investigações Sociais da Universidade do México, a realizar-se de 22 a 26 de novembro de 1965, versa exclusivamente sobre a Sociologia do Conflito, para a qual preparou um temário impressionante pela sua minúcia e sistemática.

*

É interessante recordar que a idéia de conflito, de luta, de tensão, como chave de uma síntese histórica, é antiga na humanidade. Talvez tenha sido HERÁCLITO, 540-475 a.C., o primeiro a se apaixonar pela idéia. É dele a célebre expressão: *o pólemos púnton patér esti kai basilêus*. A luta parecia constituir para ele a essência íntima do ser, e o segredo da compreensão de sua evolução histórica. A curiosidade helênica, que talvez não tenha deixado inexplorada nenhuma das rotas que palmilharia depois o pensamento ocidental, supria, pela agudeza mesma de sua intuição, a carência de dados experimentais para justificar uma grande síntese. Já no século passado, a idéia haveria de reaparecer em duas sínteses brilhantes, que exerceram sobre a inteligência ocidental uma fascinação da qual hoje não nos fazemos mais uma imagem adequada: no idealismo dialético de HEGEL e na teoria das espécies de DARWIN.

Acontece que foi por esta época que a Sociologia começava a se constituir como ciência autônoma, germinalmente contida na visão comtiana da existência de determinismos sociais que, aliás, erradamente supunha sujeitos à mesma rigidez dos determinismos físicos. Não faltaram sociólogos que, empolgados pelos rápidos progressos das ciências biológicas, tentassem utilizar a conceituação destas para repensar e interpretar os fenômenos sociais.

O sociólogo e jurista polonês LUDWIG GUMPLOWICZ (1838-1909) utiliza a teoria de DARWIN e vê na luta das

raças a explicação última da história e da criação de todas as instituições. E em 1883 que publica em GRATZ seu trabalho *Der Rassenkampf*. Por uma acerba ironia da história, HITLER haveria de encontrar neste estudo os elementos de racionalização para seu golpe genocida contra a Polônia de GUMLOWICZ.

Mas, não há dúvida que seria KARL MARX (1818-1883) quem haveria de dar à idéia de conflito, consubstanciada na teoria da luta de classes, a sua formulação mais vigorosa e de maiores conseqüências sobre os destinos da humanidade. Para esta tarefa, MARX se encontrava numa encruzilhada histórica privilegiada. No plano científico, DARWIN, cujo pensamento, é sabido, exerceu um poderoso atrativo sobre MARX, lhe preparara uma síntese na qual a luta explicava toda a evolução das espécies. Para esse setor, do mundo biológico, o serviço estava feito. Havia na obra de DARWIN uma intuição antifixista estimulante e um acervo de observações suficiente para dar a seu trabalho foros de síntese científica. No plano filosófico, a contribuição de HEGEL tinha sido ainda mais vasta. Na Universidade de Berlim, onde MARX chegou poucos anos depois da morte do filósofo, a idéia dialética devia despertar na juventude universitária o mesmo *frisson* que desperta hoje, na nossa, termos como engajamento e autenticidade.

Dialética, para HEGEL, era a superação progressiva de sucessivas contradições. As posições téticas, negadas pela antítese convergindo para sínteses, que assumiam nova consistência tética para ser superada por nova antítese, permitindo a emergência de nova síntese. Nesse arranjo ideológico, a contradição, a negação do que aí está, adquiria uma importância decisiva, enquanto era a portadora da esperança de um será melhor, de um futuro novo, embora destinado a novas lutas e contradições.

Acontece que HEGEL era um filósofo, e todas estas lutas e tensões, para ele, se faziam no plano das idéias; eram batalhas sem fracasso, eram lutas sem sangue. MARX tinha, para completar-lhe a experiência privilegiada, não só o conhecimento do que se passava no plano científico e filosófico, como também uma visão do plano concreto, social.

histórico. Ele assistia à emergência do proletariado criado pelo capitalismo em sua fase heróica e brutal, um proletariado que, pela primeira vez na história, a industrialização investia de uma consciência comum e pela primeira vez assumia a densidade sociológica de uma classe. MARX viu nascerem, de certo modo, as classes sociais, dotadas de uma consciência própria, num antagonismo feroz. Daí para fazê-las protagonistas de uma dramaturgia social cujo enredo fundamental era a luta, o conflito, e cujo desfecho vitorioso estava garantido ao mais forte, era um passo que nada o impedia de dar. A dialética era transferida do plano ideológico para o plano histórico, e a luta, o conflito assumia proporções de uma teoria cósmica.

*

O fenômeno, a que assistimos hoje, da consagração do conflito como teoria sociológica, tem, a nosso ver, uma dupla dimensão. Nos países subdesenvolvidos, que atravessam uma fase histórica muito semelhante àquela que MARX observou nos países hoje desenvolvidos, a idéia de conflito readquire incontestável atualidade sociológica, na interpretação dos fenômenos internos, nas tensões e lutas das sociedades escassas em recursos. Além disto, ela significa uma reatualização da dialética marxista, já agora dimensionada não apenas em termos de luta de classes, de repercussões domésticas, mas em termos de luta entre o mundo subdesenvolvido e o mundo desenvolvido. É evidente que a dialética marxista perdia o seu fascínio na medida mesma em que o desenvolvimento desproletarizava o operariado. Desaparecia um dos protagonistas do drama. A nova consagração do conflito encontra na conjuntura internacional e na consciência aguda desta conjuntura a oportunidade histórica de conferir à dialética marxista uma dimensão planetária.

Nesta dupla dimensão, a categoria de conflito é utilizada para um duplo fim, intimamente relacionados: como instrumento conceitual de interpretação sociológica e como linha de ação social; por outras palavras, é utilizada num

sentido teórico e num sentido ideológico, na acepção que o termo ideologia assume cada vez mais em nossos dias.

No seu valor teórico, a categoria é utilizada na tentativa de elaboração de uma teoria sociológica dos países subdesenvolvidos. Teoria corresponde a uma visão especulativa global da realidade, na qual os diversos fenômenos coerentemente estruturados recebam uma explicação cabal. É o resultado de um trabalho de abstração que prescinde das conotações concretas e, por isto mesmo, é dotada de um grau maior ou menor de generalização. Assim, o subdesenvolvimento manifesta-se por uma série de fenômenos aparentemente desconexos, indóceis a qualquer ordenação lógica. A categoria do conflito seria aquele centro de perspectiva a partir do qual toda a dispersão aparente do fenômeno revelaria a sua coerência interna, o seu sentido profundo.

Receio que esta teorização do subdesenvolvimento à base do conflito esconda uma escamoteação metodológica. Da realidade total abstraem-se determinados segmentos que passam pouco a pouco por um processo de personificação. A burguesia nacional, o proletariado rural, o operariado urbano, a classe empresarial transfiguram-se em personagens de um drama social cujo comportamento é conferido com os modelos dialéticos. Como nem sempre o comportamento se adequa aos modelos previstos, introduz-se no esquema a categoria da contradição, como um expediente teórico para garantir a validade do modelo. A verdade, porém, é que a burguesia nacional, ou o proletariado, não têm a consistência de um personagem histórico e muito menos de personagens concretos cujo comportamento se enquadre dentro de modelos determinantes. O que existe de fato são burgueses e proletários, este burguês e este proletário, cada um dentro de um campo de interesses no qual a liberdade de cada um pode orientar seu comportamento em sentidos inesperados e imprevisíveis.

Na realidade social concreta não existem determinismos rígidos, mas apenas tendenciais, isto é, no fenômeno social, o mesmo sistema de fatores não determinam sempre os mesmos efeitos, mas apenas a tendência aos mesmos efeitos. Isto porque um dos ingredientes reais do processo histórico

é a liberdade, a intuição criadora, capaz de inflectir o rumo dos fatos segundo orientações absolutamente desconcertantes. Personificar elaborações teóricas pode ser um método cômodo para um tratamento dialético da realidade social, mas esta nunca pode ser perdida de vista, deve ser sempre analisada por métodos científicos, e não sacrificada a visões globais, grandiosas e dramáticas.

No seu valor ideológico, a categoria do conflito sugere uma linha de ação: exacerbar as tensões para minar as estruturas sociais, cuja derrocada total seria o único meio de permitir a emergência de uma estrutura nova, justa e democrática. Trata-se de uma evidente reformulação da dialética marxista, sejam ou não marxistas os seus fautores. No caso concreto do Brasil, não se trata apenas de uma linha de ação destinada a estimular a reflexão de sociólogos profissionais. Ela faz parte de um plano comprovado por documentos lançados por grupos mais seduzidos pela idéia de conflito. Num mundo que experimenta cada vez mais vitalmente a necessidade de se solidarizar para sobreviver, a idéia de luta de classes apareceria de um anacronismo e de uma obsolescência irremediáveis. Revestida na sua nova formulação de teoria do conflito, assume ares científicos que lhe dão livre trânsito em áreas antes impenetráveis.

Parece-nos que estamos vivendo a primeira etapa de um plano, que é a de criar o clima indispensável para a germinação do conflito. Este clima deve ser criado por uma corrupção da idéia de liberdade. Assistimos a uma verdadeira orquestração em torno do tema da liberdade, e de envolta com muito idealismo puro, sente-se ressoar muito timbre canalha que confunde liberdade com licença, para tudo fazer, para tudo dizer, para tudo ousar. Ninguém se lembra de reafirmar a liberdade no seu nobre e austero sentido de uso responsável do direito, único sentido viável de liberdade dentro da democracia. Há um verdadeiro cinismo nos que gritam por uma liberdade licenciosa que abre a porta a todos os conflitos, os quais, por sua vez, preparariam o advento de um regime cuja primeira condição de funcionamento seria a total supressão da liberdade.

*

Resumindo e concluindo: a categoria do conflito, utilizada com as devidas precauções científicas, pode ser um método válido, desde que não seja erigida em tese, antes mesmo do controle rigoroso das hipóteses. Detectar uma infra-estrutura conflictual pode mesmo encaminhar e orientar a ação para um tipo de cooperação que permita a superação do conflito. E importa notar que uma atitude de cooperação não implica a demissão de um conformismo covarde, mas pode e deve ser assumida no exercício de uma função crítica responsável e construtiva. Aliás, é neste sentido que parece estar organizada a temática do referido Congresso do México.

Como linha de ação, tendente exclusivamente a exacerbar as tensões e as lutas, merece as seguintes advertências: Quem está nesta linha, deve ter consciência de estar manipulando um material explosivo. Nestas condições, uma prudência elementar sugere que é preciso não excluir a hipótese de o tiro sair pela culatra. O fenômeno não é inédito na recente história do Brasil. Em segundo lugar, não convém esquecer a história do aprendiz de feiticeiro. Dentro da fragilidade da nossa democracia não é tão difícil deflagrar um processo conflictual. A dificuldade é detê-lo dentro dos limites e dos prazos desejados. Uma vez desencadeada a violência, ninguém pode excluir de sua esteira sangrenta a dor, o sofrimento, a loucura e a bestialidade. Violência não é carnaval, conflito não se faz com ternura. Enfim, é preciso emergir um pouco de nosso contexto doméstico, de nossa conjuntura nacional, para superar a melancolia que em nós desperta o espetáculo monótono da repetição dos mesmos esquemas, a exploração das mesmas paixões.

“A humanidade começa a compreender que os laços que a princípio uniram as primeiras comunidades, que depois se fortaleceram e se expandiram em termos de vida nacional, prosseguiram em sua marcha — acelerada pelas novas técnicas de comunicação e de informação — e estão desaguando no grande oceano da universalidade do destino do homem sobre a terra. Não se trata, apenas, de um fenômeno de temor — que existe em medida cada vez maior — de uma

destruição total com as armas que o homem soube forjar, mas que sabe não poder usar; não é só a consciência da interdependência econômica de povos, de regiões, de cidades, de pessoas; não é, nem mesmo, o anseio comum pelo ideal de justiça que empresta cintilações divinas a tantas lutas sociais e a tantas vidas de santos e de heróis; não é só isso, porque é tudo isso e ainda mais: é um fenômeno humano total. Depois da dispersão caracterizada pelo entrelaço de ideologias e técnicas setoriais e a busca divergente de modelos tão díspares, a humanidade toma consciência de que atingiu o nível equatorial nos meridianos de sua evolução e que a caminhada, a partir dessa altura, leva ao encontro, à união, e à solidariedade, porque tudo que se eleva converge. Nesta perspectiva, os conflitos alimentados no ódio e na ambição de indivíduos, grupos, classes ou nações, por cerebrinas ou monumentais que sejam as teorizações que dizem traduzir, revelam seu irreparável anacronismo, sua irremediável obsolescência. Se tudo que se eleva converge, tudo que separa e divide, avilta e degrada os homens. Assim, os privilégios de alguns, as lutas de classe, as ideologias e teorias do conflito... tudo se reduz a proporções de marcos vencidos de longa travessia, que se apegaram e acabarão por perder-se nas curvas da história".

AR CONDICIONADO

Engenheiros
Especializados

MANUTENÇÃO E GARANTIA

Confort-Air S/A

ENGENHARIA — INDÚSTRIA
COMÉRCIO

WASHINGTON LUIS, R1 - 1º, 2º e 3º - TELEFONES 22-2030 e 22-4925